

ganda epistolar e oral, quer finalmente com a publicação d-*O Archeologo Português*, tendem exactamente para que tenha bom exito a cruzada que a Associação do Carmo, representada pelos signatarios do officio, tão patrioticamente enaltece e defende.

Como resposta especial ao pedido que nos últimos periodos do officio se faz, submetto á apreciação dos meus illustres consocios os volumes publicados d-*O Archeologo Português*, onde se acha menção de muitos monumentos artisticos e archeologicos.

J. L. DE V.

As fortificações de Rabal (Bragança)

Na margem direita do Sabor, e banhada por elle, a 10 kilometros a norte de Bragança, e encravada nas fraldas da serra de Montesinho, vê-se a povoação de Rabal, que, em virtude da fertilidade do seu solo, e da amenidade do seu clima, é uma das aldeias sertanejas mais importantes d'estes sitios.

Proximo e sobranceira a ella, do lado do poente, ha uma collina que está separada da serra por duas ribeiras affluentes do Sabor, que nascem logo ao lado de cima, perto uma da outra, e que formam dois valles lindissimos, que tornam esta estancia verdadeiramente alegre e aprazivel.

Esta elevação tem as encostas bastante escarpadas, permittindo, com difficuldade, o accesso á infantaria; e o seu horizonte é limitado por todos os lados pela montanha, á excepção do nascente, que se estende até ás alturas de Babe e Milhão, numa extensão de mais de 12 kilometros.

Considerada tacticamente, no tempo da arma branca, satisfazia em muito ás exigencias requeridas a uma posição no favorecer a defesa, difficultando a aproximação do atacante; e por isso foi escolhida para refugio dos primeiros habitantes que foram cultivar aquelles valles que domina completamente.

Tal é a situação e taes são as condições militares do local a que os naturaes chamam o *Castro*, por nelle ainda se distinguirem uns vestigios de fortificação em andares, que era formada de fossos e muros de pedra solta. A cintura mais interior, que coroa o planalto, terá, quando muito, 300 metros de desenvolvimento, e o seu traçado, que é circular, segue a configuração do terreno.

Alem dos restos de defesa divisam-se mais, nestas ruínas, abundantes fragmentos de lousa e de mós de granito; não se encontrando de tijolo, de louça e de telha, como acontece em grande quantidade nas outras povoações mortas. O não existirem fragmentos de telha não é para admirar, porque é muito de presumir que as habitações fossem cobertas de lousa, que a ha no termo, como ainda hoje o são todas as casas de Rabal, o que lhes dá aspecto muito pittoresco.

Se estas ruínas são de povoação extincta, poucos signaes ha d'ella; e a ajuizarmos pelos existentes, era pequena e pouco importante. Só demoradas investigações poderão esclarecer o que foram, que á simples inspecção nos dão a impressão de um acampamento ou arraial (em latim *castra*).

Á vista d'este *castro*, para sudoeste, a uma distancia não superior a 1:500 metros, e numa altura que margina a estrada que vae para Bragança, vêem-se tambem umas ruínas de uma pequena fortaleza circular, de cousa de 6 metros de diametro, formada de pedra sôlta, fortaleza a que chamam a *torre*. D'ella avista-se distinctamente a face norte do castello da cidadella de Bragança, e deve ser tida como ponto avançado, atalaya d'esta fortaleza, destinada a vigiar este caminho da fronteira.

Não resta dúvida que esta *torre* serviu de ponto intermedio de comunicação entre a fortaleza da cidade e a nossa aldeia de Rabal, ou o seu castro, se porventura coexistiram na mesma epocha.

Ahi fica essa noticia sobre as ruínas das fortificações da povoação que alguns tem querido identificar com o *Roboretum* de Antonino. Mas como se vê por ella, e pelo que se induz das informações dos seus habitantes, não se póde acceitar este parecer sem outras razões que o justifiquem. É pelo menos esta a minha opinião.

Bragança, 1897.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Dois machados de bronze

Foi por mero acaso que se descobriram os machados de bronze, de que vou occupar-me; um d'elles vae aqui representado. E foi ainda preciso novo acaso, para que os seus fragmentos não andassem hoje dispersos e irreparavelmente perdidos!

Cá em Portugal, não sei de pesquisador de antigualhas, mais solícito e mais feliz do que o *acaso*. Curvemo-nos, pois, perante elle.